



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O redivivo Teatro de Arena

O início, na última segunda-feira, de obras no Teatro de Arena é uma notícia verdadeiramente auspiciosa, não apenas para os que gostam especialmente de teatro, quanto para todos os que acompanham o desenvolvimento cultural da cidade. O espaço, situado na escadaria da Borges de Medeiros, entre a Duque de Caxias e a Fernando Machado, não apenas abriga um teatro, mas guarda uma história importante de resistência à ditadura de 1964, sendo um símbolo de resiliência e de amor à arte.

Resumidamente, um grupo de jovens estudantes do então CAD - Centro de Arte Dramática da Ufrgs nos anos 1960 resolveu ampliar suas oportunidades de praticarem teatro na cidade. Surgiu, assim, o GTI - Grupo de Teatro Independente que, não tendo espaço próprio e não podendo contar com o espaço da escola, resolveu buscar uma alternativa. Acabou encontrando, na rua General Vitorino, praticamente em frente à entrada do próprio CAD. Era um espaço subterrâneo: descia-se uma pequena escada. Já albergara um grupo importante, o Teatro de Equipe que, no período da Legalidade, acabou tendo uma função significativa: um de seus integrantes, Paulo César Pereio, acabou liderando o grupo, do qual participava, entre outros, a poeta Lara de Lemos, oferecendo ao então Governador Leonel Brizola o *Hino da Legalidade*, composição que todos os que viveram aquela época bem conhecem.

Por sua qualidade, a maioria dos integrantes do Teatro de Equipe havia migrado em busca de melhores oportunidades de trabalho. Pois a moçada do GTI reencontrou o local. Ali assisti, por exemplo, a *Esperando Godot*, de Beckett. O grupo tinha, entre seus líderes, Jairo de Andrade que, com a atriz Alba Rosa, queriam ampliar as atividades daquele conjunto.

Numa segunda etapa, descobriram um outro espaço, justamente este da escadaria da Borges de Medeiros. Era menos subterrâneo do que o primeiro: embora fosse o subsolo do prédio, cuja entrada de referência estava situada na Duque de Caxias, aquele depósito ou algo parecido estava ao nível da própria escadaria da Borges de

Medeiros. Embora acanhado, era um espaço mais iluminado e com maior circulação de ar. Mesmo assim, para alcançar o alvará da prefeitura municipal, o grupo precisava instalar um renovador de área e aparelhos de ar condicionado. A moçada aceitou o desafio: tornaram-se operários de construção e passaram a levantar, por seus próprios esforços, as divisórias e demais construções internas necessárias para o espaço se tornar um teatro. Um teatro de Arena.

O Jornal do Comércio tem relação direta com esta história, e isto pode orgulhar a todos nós. Na época, era o jornalista Marcelo Renato, magérrimo e muito alto, quem assinava a coluna de teatro. Ele também virou operário da construção do Teatro de Arena.

Por iniciativa de Marcelo Renato, criou-se uma publicação do novo grupo, que se chamava *Teatro em revista*: na capa de sua primeira edição, aliás, lá aparece Marcelo em plena labuta, levantando os tijolos do

balcão que ainda hoje pode ser visto na sala de espera do teatro. A revista, mensal, teve quatro edições, mas depois o grupo precisou escolher: ou editava a publicação, ou o dinheiro era destinado às produções dos seus espetáculos. Venceu a segunda opção.

Fui testemunha de tudo isso: trabalhava no Correio do Povo e cobria o setor de cultura, sob a tutela do veterano Paulo Fontoura Gastal. Mais tarde, fui participante de outros episódios. Como a censura era muito rigorosa, Jairo de Andrade inventou de fazer "leituras dramáticas" dos textos mais problemáticos, com o apoio do Sindicato dos Bancários, na época dirigido por Olívio Dutra. Eu trabalhava na redação até 20h e, depois, saía correndo até o teatro, onde assistia à "leitura" e coordenava os debates sobre cada texto. No dia seguinte, transformava isso em artigo que saía estampado nas páginas do jornal.

Dezenas de histórias podem ser lembradas e evocadas sobre o querido Teatro de Arena. Mas isso fica para outras colunas. O leitor contemporâneo destas aventuras certamente terá outras memórias...

Vida eterna ao Teatro de Arena que agora, sob o comando de Caco Coelho, começa a ressuscitar.

A moçada aceitou o desafio: tornaram-se operários de construção e passaram a levantar o novo Teatro



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

A dor da memória

O diretor Luca Guadagnino, a se julgar por este *Depois da caçada*, está interessado em demonstrar que o nível intelectual de seus personagens não é empecilho para que dores e angústias geradas por acontecimentos passados não resolvidos e sim acobertados atuem como agentes capazes de transformar a vida presente como algo difícil de ser suportado. Assim, ao iniciar sua narrativa com o despertar de um casal, ele coloca na tela personagens que abandonam o refúgio do sono para enfrentar a realidade. O cineasta não encena ou faz referências aos sonhos, mas a repetição de tal ritual não deixa dúvida quanto às intenções do realizador. A maneira como a professora interpretada por Julia Roberts procura prolongar sua fuga noturna é outro lado revelador e muito destacado em toda a narrativa. Este é apenas um dos sinais de sua dor. Outro são os sucessivos vômitos que a atormentam.

Ao exigir da atriz uma postura rígida, Guadagnino procura também criar uma personagem que mais parece uma figura que não consegue uma aproximação com semelhantes. Enquanto o marido procura recriar momentos de um passado que parece sepultado, ela se mantém fria e distante. Numa cena que ele "rege" uma peça de John Adams, ela pede que ele diminua a intensidade do som. São cenas assim que terminam revelando não apenas um cotidiano de vidas humanas, como também focalizam a essência de uma relação imperfeita.

Depois da cena que antecede os créditos principais, o espectador assiste uma festa na casa do casal visto na abertura, na qual vários professores discutem temas relacionados ao comportamento humano, tudo num nível muito distante do cotidiano. Nomes de pensadores de várias épocas são citados, mas, de repente, uma das participantes avisa que necessita ir ao banheiro. E lá, entre outras imagens distantes do que na sala se discutia, ela encontra um segredo, que só mais tarde será devidamente conhecido do espectador. Esse contraste entre vida cotidiana e pensamento elaborado é bastante

abordado durante a narrativa, mas sem a clareza que o cinema costuma exigir de tal circunstância. Baseado num roteiro escrito por Nora Garret, o filme abusa de diálogos nos quais os personagens parecem sempre procurando esconder fatos, ou então escondendo algo que pode ser comprometedouro instrumento capaz de causar um sofrimento ainda maior. A cumplicidade do cineasta com suas criaturas termina fazendo com que o espectador a tudo acompanhe com um distanciamento que perigosamente se aproxima do desinteresse. E, ao falar de temas como escolhas sexuais e racismo, não há dúvida que falta profundidade ao relato, pois tudo permanece limitado por frases que pouco dizem a respeito de tais assuntos.

Porém, numa época em que as telas abrem espaço para produções que elegem superficialidades e barram filmes com objetivos mais sérios, *Depois da*

caçada não deixa de ser um trabalho de exceção. Fazer um filme que aborda o tema do passado oculto ou mal elaborado e causador de males físicos e emocionais não deixa de ser uma ousadia. É indiscutível que o filme é uma peça marcada pela inconformidade

diante de regras impostas por um amplo sistema de produção. E não deixa de ser interessante ver na tela personagens dotados de inteligência e conhecimento, figuras de um mundo culto, envolvidos com problemas relacionados a imperfeições num processo de autoconhecimento. Nenhum deles cita o aforismo grego sobre o autoconhecimento, mas o filme está todo ele ligado ao mais sábio dos conselhos. Ao seguir tal orientação, o ser humano certamente se afastaria do sofrimento causado pelas nuvens que impedem a passagem da luz. O filme de Guadagnino tem o mérito de colocar figuras perambulando nas sombras e percorrendo caminhos que levam a nada. Mas certamente seria mais importante se evitasse certos diálogos cujo artificialismo contrasta com o cotidiano pretendido. Afastar o interesse do espectador nunca será um caminho para o cinema.

Numa época em que as telas abrem espaço para superficialidades e barram obras mais sérias, este filme não deixa de ser exceção